

N. A vaidade de uma rua chamada Bagamoio ^{15/72} ₈₆

Não sou sumptuosa, nem sequer uma das maiores ou mais movimentadas, mas sou ramosíssima nesta cidade de Maputo. Nos tempos de Lourenço Marques, falar de mim era dissertar sobre a rua do prazer, das libações, das orgias mais imorais e inelizmente também da pancadaria. E sabem porquê? Simplesmente porque assim quis o destino, ao longo de mim, eu que me chamava «Rua do Major Araújo» e hoje de Bagamoio, ficam localizados numerosos sítios de diversão: lascas, bares, restaurantes e até «boites» embora não pomposas.

É claro que por serem mais compridas do que eu, talvez haja outras ruas e avenidas que compitam comigo em termos de estabelecimentos do género. Mas isso não me desperta ciúme porque eu tenho uma vantagem incomparável: fico ao pé do porto e para mais num local discreto. E é assim que quando esses corre-mundos de marinheiros desembarcam dos seus navios com cheiro a combustíveis e lubrificantes, é a mim que visitam primeiro. Oh, estes andantes do mar vêm tão sedentos de sexo oposto, as goelas reclamando cerveja fresca e espumante, o estômago ansioso de digerir algo não morto há muito tempo. E a todos eles, de todos os continentes, de todas as falas e costumes, sirvo-lhes o melhor que posso desde que me tragam moedas falantes. E como podem perceber a minha fama é congénita, ou seja tenho-a desde o meu nascimento. Podia-vos contar mais maravilhas, mas sou modesta e prefiro convidar-vos a verem pelos vossos próprios olhos. E para quem esteja interessado, tenho o gosto de informar que eu não tenho fim-de-semana, todos os dias são de lazer, de divertimento à grande. E prometo que nada vos faltará, ó meus caros visitantes. Há música a brotar de todos os cantos, mulheres de todos os estilos e idades, desde crianças com o peito ainda liso até mamasas de seios caídos, cansados de mãos malandras. Não se preocupem com poesia de conquista porque tal como eu elas também são modestas. Desembocam em mim ainda sóbrias e penetram para os seus estabelecimentos de costume. E uma vez aí, ou se encostam por casualidade a algum cavalheiro, ou então esperam pacientemente por um companheiro do dia. E quando este aperece, começam as libações. O álcool sobe-lhes à cabeça, dá-lhes volta ao corpo inteiro e então começa o espectáculo. Bêbadas, de súbito se tornam outras, despudoram-se, gritam pa'vrões e tudo que se lhes faz parece-lhes normal. Suponho que não preciso continuar pois costuma-se dizer que «para bom entendedor meio anúncio basta». Oh, já me esquecia de vos avisar sobre algo que para mim não passa de má-fé. Há indivíduos que espalham por aí que eu talvez seja um perigoso foco de SIDA. Tenho a dizer-vos que apesar das minhas frequentadoras nunca terem sido inspeccionadas, pela aparência parecem-me altamente saudáveis, mesmo sem terem a conta dos homens com que se metem.

Vocês sabem, pelo silêncio da manhã, quando os bares estão sendo varridos e lavados, e então experimento um breve sossego, costume pensar no que fui e no que sou actualmente. E há uma fase que até hoje ao me recordar me faz-me dor. É o período pós-independência em que me chamavam nomes feios, fazem-me acusações que nada tinham de mau. Até me mudam o nome! Provoca-me lágrimas esta passagem, é-me dolorosa esta época de descrédito e difamação. Mas diz-se que «quem espera sempre alcança» e eu comprovo a veracidade deste ditado pois voltei a ser o que há muito ansiava: a rua da boa vida! Interpretem como quiserem. E analisando bem as coisas até subi em termos de atracção de belezas. Enquanto nos tempos recebia apenas mulheres com uma idade própria para a aventura, hoje como já me referi acima aparecem-me também menininhas. Até mesmo mães com bebés sem um ano de vida não ousam perder uma noite passada no meu ventre. Não é vaidade, mas eu a «Rua do Major Araújo» apenas mudei de nome, porém, continuo a ser o que era.